

Os pobres de Lisboa ficaram mais pobres nos últimos três anos

Por Andreia Sanches

10/11/2014 - 07:30

Projecto do Observatório de Luta Contra a Pobreza começou em 2011. Prevê que as mesmas pessoas sejam acompanhadas até 2020. Na segunda leva de entrevistas, uma conclusão: as condições de vida agravaram-se.



Em 30 das 57 situações analisadas a situação de fragilidade agravou-se TIAGO MACHADO São 57 pessoas que em 2011, por diferentes razões, viviam uma situação de vulnerabilidade social e que em 2014 voltaram a ser entrevistadas. O que lhes aconteceu? Apenas duas saíram da situação de pobreza que viviam, porque arranjam um trabalho que permite à família ter um rendimento de mais de mil euros. As restantes estão hoje, na sua maioria, pior do que há três anos.

Regista-se “um agravamento da situação de vulnerabilidade em todos os perfis estudados, fruto em larga medida da ausência de respostas às necessidades mais básicas” — rendimento, habitação e saúde, conclui o estudo feito a pedido do Observatório de Luta Contra a Pobreza na Cidade de Lisboa.

A segunda edição do “Barómetro de Pessoas que se Encontram em Situação Vulnerável”, feito pelo Dinâmia-CET — Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, do

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, a pedido do Observatório, será apresentado nesta segunda-feira.

No relatório, a que o PÚBLICO teve acesso, lê-se: “As conclusões são evidentes. No período considerado agravaram-se as condições de vida de uma parte substancial dos entrevistados. Nas situações analisadas, 17 (em 57) mantêm a sua situação de pobreza de 2011, mas para 30 a situação de fragilização em que se encontravam agravou-se.” São sobretudo os que dependem das políticas sociais “os mais penalizados”. A saber: os incapacitados e os idosos.

Há ainda dez pessoas que viram a sua situação melhorar. Mas destas, oito continuam a ser consideradas pobres.

Entre os entrevistados, os grupos dominantes são: trabalhadores pobres (17), como Carolina, de 44 anos; idosos “em situação de vulnerabilidade” (10), como Luísa, de 84 anos; desempregados (9), como Margarida, de 43; incapacitados por motivos de doença (10), como Dália, de 59.

Vivem essencialmente em duas zonas da cidade: Marvila/Santa Clara, constituída, sobretudo, por zonas de realojamento, onde existe uma pobreza persistente, que passa de geração em geração; e Santa Maria Maior/São Vicente, composta por núcleos históricos, onde muitas das pessoas não se consideram pobres — mas a pobreza existe, segundo os investigadores, ainda que mais “oscilante”.

O relatório conclui que o “recoo das políticas sociais” a que o país assistiu nos últimos anos fez-se sentir em força: 26 entrevistados relatam ter visto apoios como o Rendimento Social de Inserção (RSI), o Complemento Solidário para Idosos ou o subsídio de desemprego reduzir-se ou até acabar. Há ainda casos de pessoas que relatam ter visto diminuir também o apoio do Banco Alimentar da sua zona. “A ausência ou diminuição desses apoios é sentida de forma particularmente penosa pelas famílias que vivem/vivem no limiar da sobrevivência e cujos ajustes em termos de gestão doméstica muitas vezes são realizados através de cortes na alimentação.”

A saúde e a integração no mercado de trabalho aparecem, nos discursos destes indivíduos, como determinantes para uma alteração da sua situação entre 2011 e 2014. Para o bem e para o mal: arranjar trabalho foi aquilo que mais contribuiu para a melhoria da vida dos que dizem que esta melhorou, perder a saúde fez agravar a situação de outros.

Trabalhadores precários

A história do barómetro remonta a 2011, quando 74 pessoas foram escolhidas para integrar o projecto. O grupo foi constituído de modo a incluir diferentes “perfis de vulnerabilidade”. Objectivo: voltar aos mesmo painel de três em três anos e mantê-lo, pelo menos, até 2020. Mas apesar dos múltiplos esforços dos investigadores não foi possível este ano entrevistar todas as 74 — algumas emigraram, outras morreram, uma nunca compareceu aos encontros, alguns não foram encontrados. Foi possível encontrar e chegar à fala com 57.

“Ao contrário do que se poderia esperar, estamos perante um grupo maioritariamente ligado ao mercado de trabalho”, diz o relatório com base no facto de 42 terem trabalhado nos últimos três anos ou encontrarem-se “disponíveis para trabalhar”. A maioria dos que restam são idosos.

Nestas histórias impera, contudo, a precariedade: apenas 21 em 57 referem ter tido alguns períodos de estabilidade laboral ao longo da sua vida activa.

Apesar de muitos terem rendimentos do trabalho, e de reportarem diminuição nos apoios sociais, a maioria continua a ter um suporte muito significativo de pensões e subsídios públicos. Números: 54 em 57 beneficiam de prestações sociais várias (subsídio de desemprego, RSI, reformas dos pais, abonos de família, habitação social ou outros). Os suportes advindos das políticas sociais são contudo criticados “pela sua insuficiência e desadequação face às

necessidades: critica-se a ausência de respostas em áreas básicas como o emprego, a habitação ou educação/formação”.

Muitos destes entrevistados são ainda marcados por aquilo que se considera ser uma pobreza geracional. “Em Portugal, frequentemente nasce-se pobre, e continua-se pobre, raramente deixando essa condição”, refere o relatório. A relação entre uma maior duração no tempo em situação de vulnerabilidade e a intergeracionalidade da pobreza (de pais para filhos) está presente em 35 casos. “Esta é a imagem mais clara do fracasso da nossa sociedade e das políticas de combate à pobreza”, considera o estudo.

Por outro lado, sendo certo que a pobreza e a exclusão são processos que podem atingir todos os grupos sociais, há públicos “particularmente expostos” — “Certas conjunturas familiares, de idade, de condição de saúde, geram grande exposição à pobreza e ao isolamento afectivo e social”. A toxicodependência, a monoparentalidade, a violência doméstica, por exemplo, são identificadas como problemáticas “com impacto na entrada ou manutenção da pobreza e exclusão social”, nomeadamente quando associadas a factores como a ausência de rendimentos e de equipamentos de suporte à família.

Sérgio Aires, director do Observatório, sublinha ainda “a percepção dos entrevistados de que os recursos estão desigualmente distribuídos” e de que as políticas sociais “são quantitativa e qualitativamente insuficientes”. “Estas pessoas fazem uma apreciação muito negativa do acompanhamento social que recebem”, nota.

Há também uma deterioração do estado de espírito do grupo: “estão mais pessimistas”, diz Sérgio Aires, “não vislumbram uma saída”. Isto numa cidade como Lisboa “que, vista de fora, é vista como uma cidade desafiada, rica”.

Se este estudo fosse replicado no resto do país as conclusões seriam as mesmas? “Em certas zonas do país, em certas freguesias do Porto e de outras cidades seriam, provavelmente, semelhantes, porque também aí encontramos estes perfis.”

Excertos das entrevistas:

“É querer comprar comprimidos e não ter o dinheiro. Andar a poupar, a poupar, a poupar. Hoje tomo amanhã não tomo. Não é? O dinheiro não chega.”

Luísa, 84 anos, idosa

“Foi mesmo por opção minha [não querer contrato nem pagar Segurança Social pelas três horas por semana que faz de limpezas], porque se eu tivesse de fazer descontos e tudo não ia receber quase nada.”

Carolina, 44 anos, trabalhadora pobre

“O problema é que a gente trabalha muito e ganha muito pouquinho, é só isso.”

Julieta, 48 anos, trabalhadora pobre

“Tenho ido comer à minha mãe. Mas não posso estar a vida toda assim, não é? [E ela pode ajudá-la um bocadinho?] Não, ela está acamada. Ela tem um cancro nos ossos, não anda.”

Dália, 59 anos, incapacitada

“Vou tentar-me aguentar no Rendimento Mínimo com a ajuda da Santa Casa até à altura em que me reformar, porque eu já sei que trabalho ninguém me vai aceitar. Na vida profissional, a minha vida está acabada. Se eu com vinte e tal não consegui!”

Júlio, 55 anos

“Sim. Estive a trabalhar. Trabalhei na rua da Madalena, a fazer limpeza. Entrava às 8h da manhã e saía às 11h30. Um part-time. Depois trabalhava aqui numa pastelaria. Ela

telefonava-me e eu ia lá. Mas agora já não vou. Ela pagava muito mal. Entrava a um quarto para a uma e saía às 16h e ela pagava-me seis euros pelas 3 horas.”

Margarida, 43 anos, desempregada

“Tenho a dívida da minha casa [das rendas] E tenho a dívida com o banco. Tinha um crédito que foi pedido há 6 anos, era para 5 anos, mas quando a minha vida começou a piorar deixei de pagar e depois fui acumulando juros, juros, juros, e hoje posso-lhe dizer que o abono dos meus filhos, fico sem ele todos os meses.”

Carolina, 44 anos, trabalhadora pobre

“Eu sofri um bocadinho, chorei, porque eu era muito amiga das pessoas da Associação.

Estávamos a ser ajudados já há bastantes anos. Se calhar acharam que já era um hábito nosso, que a gente já não merecia, que nos acomodámos com a ajuda deles. Não foi o caso. Eu, quanto menos precisar de ser ajudada, melhor. Sempre disse lá na Associação: mal tenha oportunidade de melhorar um bocadinho a minha vida eu não quero a vossa ajuda, porque se calhar quando eu tiver mais, haverá pessoas com muito mais prioridade do que eu. Sempre batalhei neste assunto e sempre mostrei a eles que não era uma acomodação, era mesmo uma necessidade.”

Anabela, 47 anos, desempregada

Lisboa Estudo sobre pobreza revela que situação piorou em três anos

Um estudo do Observatório da Luta contra a Pobreza que acompanha, desde 2011, o percurso de 57 residentes em Lisboa com poucos recursos económicos, revela que mais de metade viu a sua situação agravada em três anos.

ECONOMIA



Lusa

14:28 - 10 de Novembro de 2014 | Por Lusa

[Share on print](#)[Share on email](#)

Segundo o "Barómetro de pessoas que se encontram em situação vulnerável - Fase II", que é apresentado hoje em Lisboa, das 57 situações analisadas, 17 mantêm a mesma situação de pobreza de 2011, mas para 30 a situação de fragilização em que se encontravam agravou-se e, para 10, a situação melhorou.

"Três anos depois, uma parte substancial destas pessoas está pior, o que não é uma conclusão muito estranha dado o recuo das respostas das políticas públicas, das prestações sociais", disse à agência Lusa o diretor do Observatório da Luta contra a Pobreza da Cidade de Lisboa, Sérgio Aires.

O agravamento da situação de vulnerabilidade em todos os perfis estudados é resultado em larga medida da ausência de respostas às necessidades mais básicas: rendimento, habitação e saúde.

Sérgio Aires explicou que este estudo longitudinal, cuja primeira fase decorreu em 2011 e a segunda em 2013/2014, prevendo-se que se mantenha, pelo menos, até 2020, tem como "principal objetivo" perceber "o impacto das respostas existentes e das políticas públicas face à pobreza e exclusão num determinado grupo de pessoas residente em Lisboa".

Este grupo "não é representativo da sociedade portuguesa", mas é "representativo de um conjunto de perfis de pessoas que vivem em situação de pobreza", explicou.

O estudo envolveu 17 trabalhadores pobres, 10 idosos, 10 incapacitados para o trabalho por motivos de doença, nove desempregados, sete desfilados, dois trabalhadores e duas cuidadoras informais,

A maioria dos entrevistados (39 em 57) tem uma situação de pobreza (persistente, ou ocasional) há mais de oito anos, e esta situação é transversal a todos os grupos, embora atinja mais frequentemente os mais velhos.

No grupo onde a pobreza é mais recente (menos de oito anos) metade vem de grupos familiares com pobreza geracional.

"A incidência da pobreza geracional num grupo tão significativo de pobreza recente faz temer a sua passagem a um estágio permanente à medida que avança a idade e/ou que aumenta o tempo sem encontrar trabalho", salienta o estudo.

Para os que consideram que melhoraram a sua situação, o que mudou foi que arranjam uma ocupação remunerada ou melhoraram a situação de saúde.

Já o piorar da situação está associada a fatores imprevisíveis, como a morte de familiares que faz perder a habitação e o rendimento, ou problemas de saúde.

"A estabilidade na manutenção da situação de pobreza parece estar, sobretudo, associada àqueles que vão mantendo uma relação com o mercado de trabalho, mesmo que precária, ou que acabaram por conseguir manter um apoio social" que lhes permite garantir a subsistência.

Para Sérgio Aires, é "extremamente preocupante" não se conseguir quebrar o ciclo vicioso da pobreza, porque faz com que se mantenha e agrave.

Sobre o que está a falhar nesta luta, o responsável disse que é não haver "uma estratégia de combate à pobreza que ataque de facto as causas do problema".

"Tentamos amenizar as consequências, assistir a alguns casos mais urgentes e complicados, mas em poucos casos conseguimos quebrar esse ciclo de pobreza", lamentou.

Estudo sobre pobreza em Lisboa revela que situação piorou em três anos



-
-
-
-
- [inShare](#)
- 1

Já o piorar da situação está associada a fatores imprevisíveis, como a morte de familiares que faz perder a habitação e o rendimento, ou problemas de saúde

Um estudo do Observatório da Luta contra a Pobreza que acompanha, desde 2011, o percurso de 57 residentes em Lisboa com poucos recursos económicos, revela que mais de metade viu a sua situação agravada em três anos.

Segundo o “Barómetro de pessoas que se encontram em situação vulnerável - Fase II”, que é apresentado hoje em Lisboa, das 57 situações analisadas, 17 mantêm a mesma situação de pobreza de 2011, mas para 30 a situação de fragilização em que se encontravam agravou-se e, para 10, a situação melhorou.

“Três anos depois, uma parte substancial destas pessoas está pior, o que não é uma conclusão muito estranha dado o recuo das respostas das políticas públicas, das prestações sociais”, disse à agência Lusa o diretor do Observatório da Luta contra a Pobreza da Cidade de Lisboa, Sérgio Aires.

O agravamento da situação de vulnerabilidade em todos os perfis estudados é resultado em larga medida da ausência de respostas às necessidades mais básicas: rendimento, habitação e saúde.

Sérgio Aires explicou que este estudo longitudinal, cuja primeira fase decorreu em 2011 e a segunda em 2013/2014, prevendo-se que se mantenha, pelo menos, até 2020, tem como “principal objetivo” perceber “o impacto das respostas existentes e das políticas públicas face à pobreza e exclusão num determinado grupo de pessoas residente em Lisboa”.

Este grupo “não é representativo da sociedade portuguesa”, mas é “representativo de um conjunto de perfis de pessoas que vivem em situação de pobreza”, explicou.

O estudo envolveu 17 trabalhadores pobres, 10 idosos, 10 incapacitados para o trabalho por motivos de doença, nove desempregados, sete desfilados, dois trabalhadores e duas cuidadoras informais,

A maioria dos entrevistados (39 em 57) tem uma situação de pobreza (persistente, ou ocasional) há mais de oito anos, e esta situação é transversal a todos os grupos, embora atinja mais frequentemente os mais velhos.

No grupo onde a pobreza é mais recente (menos de oito anos) metade vem de grupos familiares com pobreza geracional.

“A incidência da pobreza geracional num grupo tão significativo de pobreza recente faz temer a sua passagem a um estágio permanente à medida que avança a idade e/ou que aumenta o tempo sem encontrar trabalho”, salienta o estudo.

Para os que consideram que melhoraram a sua situação, o que mudou foi que arranjam uma ocupação remunerada ou melhoraram a situação de saúde.

Já o piorar da situação está associada a fatores imprevisíveis, como a morte de familiares que faz perder a habitação e o rendimento, ou problemas de saúde.

“A estabilidade na manutenção da situação de pobreza parece estar, sobretudo, associada àqueles que vão mantendo uma relação com o mercado de trabalho, mesmo que precária, ou que acabaram por conseguir manter um apoio social” que lhes permite garantir a subsistência.

Para Sérgio Aires, é “extremamente preocupante” não se conseguir quebrar o ciclo vicioso da pobreza, porque faz com que se mantenha e agrave.

Sobre o que está a falhar nesta luta, o responsável disse que é não haver “uma estratégia de combate à pobreza que ataque de facto as causas do problema”.

“Tentamos amenizar as consequências, assistir a alguns casos mais urgentes e complicados, mas em poucos casos conseguimos quebrar esse ciclo de pobreza”, lamentou.

*Este artigo foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico aplicado pela agência Lusa

SOCIEDADE

Casos de pobreza em Lisboa pioraram nos últimos três anos

O Observatório da Luta contra a Pobreza acompanhou 57 casos de residentes com dificuldades económicas e concluiu que mais de metade viu a sua situação agravada desde 2011

Por: Redação / EC | ontem às 14:57

Um estudo do Observatório da Luta contra a Pobreza que acompanha, desde 2011, o percurso de 57 residentes em Lisboa com poucos recursos económicos, revela que mais de metade viu a sua situação agravada em três anos.

Segundo o «Barómetro de pessoas que se encontram em situação vulnerável - Fase II», que é apresentado hoje em Lisboa, das 57 situações analisadas, 17 mantêm a mesma situação de pobreza de 2011, mas para 30 a situação de fragilização em que se encontravam agravou-se e, para 10, a situação melhorou.

«Três anos depois, uma parte substancial destas pessoas está pior, o que não é uma conclusão muito estranha dado o recuo das respostas das políticas públicas, das prestações sociais», disse à agência Lusa o diretor do Observatório da Luta contra a Pobreza da Cidade de Lisboa, Sérgio Aires.

O agravamento da situação de vulnerabilidade em todos os perfis estudados é resultado em larga medida da ausência de respostas às necessidades mais básicas: rendimento, habitação e saúde.

Sérgio Aires explicou que este estudo longitudinal, cuja primeira fase decorreu em 2011 e a segunda em 2013/2014, prevendo-se que se mantenha, pelo menos, até 2020, tem como

«principal objetivo» perceber «o impacto das respostas existentes e das políticas públicas face à pobreza e exclusão num determinado grupo de pessoas residente em Lisboa».

Este grupo «não é representativo da sociedade portuguesa», mas é «representativo de um conjunto de perfis de pessoas que vivem em situação de pobreza», explicou.

O estudo envolveu 17 trabalhadores pobres, 10 idosos, 10 incapacitados para o trabalho por motivos de doença, nove desempregados, sete desfilados, dois trabalhadores e duas cuidadoras informais,

A maioria dos entrevistados (39 em 57) tem uma situação de pobreza (persistente, ou ocasional) há mais de oito anos, e esta situação é transversal a todos os grupos, embora atinja mais frequentemente os mais velhos.

No grupo onde a pobreza é mais recente (menos de oito anos) metade vem de grupos familiares com pobreza geracional.

«A incidência da pobreza geracional num grupo tão significativo de pobreza recente faz temer a sua passagem a um estágio permanente à medida que avança a idade e/ou que aumenta o tempo sem encontrar trabalho», salienta o estudo.

Para os que consideram que melhoraram a sua situação, o que mudou foi que arranjam uma ocupação remunerada ou melhoraram a situação de saúde.

Já o piorar da situação está associada a fatores imprevisíveis, como a morte de familiares que faz perder a habitação e o rendimento, ou problemas de saúde.

«A estabilidade na manutenção da situação de pobreza parece estar, sobretudo, associada àqueles que vão mantendo uma

relação com o mercado de trabalho, mesmo que precária, ou que acabaram por conseguir manter um apoio social» que lhes permite garantir a subsistência.

Para Sérgio Aires, é «extremamente preocupante» não se conseguir quebrar o ciclo vicioso da pobreza, porque faz com que se mantenha e agrave.

Sobre o que está a falhar nesta luta, o responsável disse que é não haver «uma estratégia de combate à pobreza que ataque de facto as causas do problema».

«Tentamos amenizar as consequências, assistir a alguns casos mais urgentes e complicados, mas em poucos casos conseguimos quebrar esse ciclo de pobreza», lamentou.

Pobres mais pobres e sem esperar melhoras

por Céu Neves [Ontem](#) [9 comentários](#)



Organizações recebem mais pedidos de ajuda Fotografia © Steven Governo/Global Imagens

Os pobres da cidade de Lisboa estão hoje mais pobres do que há três anos. E são mais os pessimistas quanto ao futuro, conclui estudo que acaba de ser divulgado.

O "**agravamento** da situação de vulnerabilidade" e o "impacto gravoso do recuo das políticas sociais" são duas das conclusões a que chegaram os técnicos do Observatório da Luta contra a Pobreza na Cidade de Lisboa, num estudo sobre os pobres de **Lisboa** que apresentaram esta tarde no Centro de Informação Urbana de Lisboa.

Isabel Guerra, especialista em sociologia urbana, e Sónia Costa, a coordenadora do trabalho, apresentaram os resultados, sendo que uma das primeiras dificuldades foi encontrar as 74 pessoas entrevistadas em 2011.

A segunda fase foi realizada em 2014 e acabaram por entrevistar apenas 57, um painel composto por residentes nas freguesias de Marvila/Santa Clara e Santa Maria Maior/S. Vicente (www.observatorio-lisboa.eapn.pt).

As condições de vida da maioria degradaram-se, o que levou os sociólogos a concluir que "a pobreza não é um estádio mas um processo". Por exemplo, encontraram cuidadores que se tornaram desempregados e desempregados que se tornaram reformados.

"Com a **crise atual**, estes perfis só veem agravada a sua situação, como se lhe juntam «novos pobres» oriundos simultaneamente das dificuldades do mercado de **trabalho** e da redução das **políticas** sociais", sublinham

Os entrevistados queixaram-se que os recursos estão desigualmente distribuídos e que as políticas sociais são insuficientes, revelando uma maior desconfiança do que em 2011 sobre os sistemas de governação e da sociedade portuguesa.

A maioria, 30 pessoas, dizem que o futuro **vai piorar**, sendo apenas 17 os que consideram que haverá melhoras, 12 % da amostra, quando em 2011 representavam 36,5%

Situação de pobreza em Lisboa piorou em três anos



Um estudo do Observatório da Luta contra a Pobreza que acompanha, desde 2011, o percurso de 57 residentes em Lisboa com poucos recursos económicos, revela que mais de metade viu a sua situação agravada em três anos.

O estudo envolveu 17 trabalhadores pobres, 10 idosos, 10 incapacitados para o trabalho por motivos de doença, nove desempregados, sete desfiliaados, dois trabalhadores e duas cuidadoras informais

Segundo o "Barómetro de pessoas que se encontram em situação vulnerável - Fase II", que é apresentado hoje em Lisboa, das 57 situações analisadas, 17 mantêm a mesma situação de pobreza de

2011, mas para 30 a situação de fragilização em que se encontravam agravou-se e, para 10, a situação melhorou.

"Três anos depois, uma parte substancial destas pessoas está pior, o que não é uma conclusão muito estranha dado o recuo das respostas das políticas públicas, das prestações sociais", disse à agência Lusa o director do Observatório da Luta contra a Pobreza da Cidade de Lisboa, Sérgio Aires.

O agravamento da situação de vulnerabilidade em todos os perfis estudados é resultado em larga medida da ausência de respostas às necessidades mais básicas: rendimento, habitação e saúde.

Sérgio Aires explicou que este estudo longitudinal, cuja primeira fase decorreu em 2011 e a segunda em 2013/2014, prevendo-se que se mantenha, pelo menos, até 2020, tem como "principal objectivo" perceber "o impacto das respostas existentes e das políticas públicas face à pobreza e exclusão num determinado grupo de pessoas residente em Lisboa".

Este grupo "não é representativo da sociedade portuguesa", mas é "representativo de um conjunto de perfis de pessoas que vivem em situação de pobreza", explicou.

O estudo envolveu 17 trabalhadores pobres, 10 idosos, 10 incapacitados para o trabalho por motivos de doença, nove desempregados, sete desfilados, dois trabalhadores e duas cuidadoras informais.

A maioria dos entrevistados (39 em 57) tem uma situação de pobreza (persistente, ou ocasional) há mais de oito anos, e esta situação é transversal a todos os grupos, embora atinja mais frequentemente os mais velhos.

No grupo onde a pobreza é mais recente (menos de oito anos) metade vem de grupos familiares com pobreza geracional.

"A incidência da pobreza geracional num grupo tão significativo de pobreza recente faz temer a sua passagem a um estágio permanente à medida que avança a idade e/ou que aumenta o tempo sem encontrar trabalho", salienta o estudo.

Para os que consideram que melhoraram a sua situação, o que mudou foi que arranjam uma ocupação remunerada ou melhoraram a situação de saúde.

Já o piorar da situação está associada a factores imprevisíveis, como a morte de familiares que faz perder a habitação e o rendimento, ou problemas de saúde.

"A estabilidade na manutenção da situação de pobreza parece estar, sobretudo, associada àqueles que vão mantendo uma relação com o mercado de trabalho, mesmo que precária, ou que acabaram por conseguir manter um apoio social" que lhes permite garantir a subsistência.

Para Sérgio Aires, é "extremamente preocupante" não se conseguir quebrar o ciclo vicioso da pobreza, porque faz com que se mantenha e agrave.

Sobre o que está a falhar nesta luta, o responsável disse que é não haver "uma estratégia de combate à pobreza que ataque de facto as causas do problema".

"Tentamos amenizar as consequências, assistir a alguns casos mais urgentes e complicados, mas em poucos casos conseguimos quebrar esse ciclo de pobreza", lamentou.

Lusa/SOL

Estudo sobre pobreza em Lisboa revela que situação piorou em três anos

10/11/2014, 16:54

Partilhe

Um estudo do Observatório da Luta contra a Pobreza, que acompanha 57 residentes desde 2011, revela que a maioria viu a situação agravada nos últimos três anos.



Autor



• **Agência Lusa**

Tópicos

- CONDIÇÕES DE VIDA
- POBREZA
- PROBLEMAS SOCIAIS

Um estudo do Observatório da Luta contra a Pobreza que acompanha desde 2011 o percurso de 57 residentes em Lisboa com poucos recursos económicos, revela que mais de metade viu a sua situação agravada em três anos.

Segundo o “Barómetro de pessoas que se encontram em situação vulnerável – Fase II”, que é apresentado esta segunda-feira em Lisboa, das 57 situações analisadas, 17 mantêm a mesma situação de pobreza de 2011, mas para 30 a situação de fragilização em que se encontravam agravou-se e, para 10, a situação melhorou. “Três anos depois, uma parte substancial destas pessoas está pior, o que não é uma conclusão muito estranha dado o recuo das respostas das políticas públicas, das prestações sociais”, disse à agência Lusa o diretor do Observatório da Luta contra a Pobreza da Cidade de Lisboa, Sérgio Aires.

O agravamento da situação de vulnerabilidade em todos os perfis estudados é resultado em larga medida da ausência de respostas às necessidades mais básicas: rendimento, habitação e saúde. Sérgio Aires explicou que este estudo longitudinal, cuja primeira fase decorreu em 2011 e a segunda em 2013/2014, prevendo-se que se mantenha, pelo menos, até 2020, tem como “principal objetivo” perceber “o impacto das respostas existentes e das políticas públicas face à pobreza e exclusão num determinado grupo de pessoas residente em Lisboa”. Este grupo “não é representativo da sociedade portuguesa”, mas é “representativo de um conjunto de perfis de pessoas que vivem em situação de pobreza”, explicou.

O estudo envolveu 17 trabalhadores pobres, dez idosos, dez incapacitados para o trabalho por motivos de doença, nove desempregados, sete desfilados, dois trabalhadores e duas cuidadoras informais. A maioria dos entrevistados (39 em 57) tem uma situação de pobreza (persistente, ou ocasional) há mais de oito anos, e esta situação é transversal a todos os grupos, embora atinja mais frequentemente os mais velhos. No grupo onde a pobreza é mais recente (menos de oito anos) metade vem de grupos familiares com pobreza geracional. “A incidência da pobreza geracional num grupo tão significativo de pobreza recente faz temer a sua passagem a um estágio permanente à medida que avança a idade e/ou que aumenta o tempo sem encontrar trabalho”, salienta o estudo.

Para os que consideram que melhoraram a sua situação, o que mudou foi que arranjaram uma ocupação remunerada ou melhoraram a situação de saúde. Já o piorar da situação está associada a fatores imprevisíveis, como a morte de familiares que faz perder a habitação e o rendimento, ou problemas de saúde. “A estabilidade na manutenção da situação de pobreza parece estar, sobretudo, associada àqueles que vão mantendo uma relação com o mercado de trabalho, mesmo que precária, ou que acabaram por conseguir manter um apoio social” que lhes permite garantir a subsistência.

Para Sérgio Aires, é “extremamente preocupante” não se conseguir quebrar o ciclo vicioso da pobreza, porque faz com que se mantenha e agrave. Sobre o que está a falhar nesta luta, o responsável disse que é não haver “uma estratégia de combate à pobreza que ataque de facto as causas do problema”. “Tentamos amenizar as consequências, assistir a alguns casos mais urgentes e complicados, mas em poucos casos conseguimos quebrar esse ciclo de pobreza”, lamentou.

Partilhe

